

# reportagem cultural



ACERVO CLEUSA DORNELES/REPRODUÇÃO/JC

Figura central no sucesso do Carlitus, Ozório Dorneles procurou manter o atendimento exclusivo a casais como uma das características permanentes da casa noturna

## Luzes da cidade

Marcello Campos\*

A antena direcionada para novas oportunidades também acabara apontando para um ponto do mapa a um quilômetro e meio de distância, em meio a um dos pórticos imaginários de ingresso no Menino Deus. Fã de Charles Chaplin, o empresário

Paulo Ribeiro não era do ramo, mas, em maio de 1978 - cinco meses após a morte do gênio - fundara no número 94 da Getúlio a boate Carlitus, de logomarca e decoração interna em preto-e-branco com pôsteres alusivos ao cinema mudo. Quase um ano transcorreria sem que o endereço embalasse e ele estava decidido

a partir para uma aventura no garimpo de Serra Pelada, assim como seu ídolo em *A Corrida do Ouro* (1925).

O ponto à venda foi a deixa para os manos rebobinarem aquele filme em 14 de maio de 1979, paralelamente às atividades que o tornaram conhecidos no bairro Santana. Com maior capricho nos serviços de restaurante, reforço na divulgação e outros ajustes (a cor vermelha em tapetes, estofados e outros itens, por exemplo), manteve-se a estética do espaço comercial de 192 metros quadrados e mezanino no primeiro dos três andares de um prédio misto construído apenas cinco anos antes e que hospedara, em seus primórdios, o bar-chopp Hobby Show. O atendimento exclusivo a casais surtiu efeito, com uma frequência constante e destaque permanente nos jornais e guias noturnos.

“Com exceção de ocasiões como eventos particulares, a casa manteve a exigência até o fim, mas não foi a única... Ali mesmo

na esquina com a Ipiranga tinha a Velha Guarda, comandada pela Tânia Silva, sem contar outras tantas em Porto Alegre”, contextualiza Ozório, que, na metade da década seguinte, desfez a sociedade com Orestes para tocar sozinho o Carlitus. Anúncios de “ambiente requintado”, “bom gosto” e “alto nível” não impediam eventuais episódios fora da curva. Ele se diverte com a malandragem de um cliente que dançava na pista com sua amante ao ser alertado sobre a presença da esposa do lado de fora, pronta para dar o bote.

“O sujeito foi rapidamente conduzido por um segurança até a saída de emergência nos fundos e pegou um táxi para casa a tempo de chegar antes da ‘titular’. Sem conseguir o flagrante após ser finalmente autorizada a cruzar a portaria, ela pegou o rumo de casa, onde já o encontrou sob as cobertas, ‘cansado do trabalho’. Intimado sobre o fato de seu automóvel estar em frente à boate, o malandro alegou ter

emprestado a um amigo. Enquanto isso, um garçom incumbido de estacionar o carro em uma garagem próxima para aliviar a situação, acabou encontrando no porta-luvas uma pasta com 30 mil cruzeiros, devidamente devolvidos em momento oportuno”.

Histórias à parte, a receita de sucesso era relativamente simples, porém temperada por trabalho duro, com poucas horas de sono. Funcionando de terça a domingo na faixa das 19h às 4h - jornada semanal impensável nos padrões atuais da noite porto-alegrense - o estabelecimento apegava seus atrativos. Música mecânica variada para um ambiente “divertido e romântico”. Estacionamento conveniado e com vigia. Ar-condicionado central. Lareira no inverno. Bebidas a preço justo. Cardápio de pretensões internacionais (incluindo peixes, frutos-do-mar e o concorrido Filé à Carlitus), a cargo de Dona Amé-



ACERVO CLEUSA DORNELES/REPRODUÇÃO/JC

Ambiente interno (em foto de 1989) era voltado ao conforto dos casais

ACERVO MARCELLO CAMPOS/REPRODUÇÃO/JC

